*A cidade invisível*

Gustavo Mendez-Liska artista plástico venezuelano, vive e trabalha em Viena. Desenvolve sua prática artística na arte concreta e neoconcreta que tem suas raízes naAmérica do Sul, particularmente no Brasil. A sua obra actua enquanto valorização do significando e de uma forma pura com uma forte presença daquilo que são as marcas, a afirmação da própria materialidade e das formas como consciência do ponto de vista mais conceptual e da linguagem.

A Exposição *Tectonic experiences and the experience of tectonics*foi pensada para esta sala, o Laboratório de Química Analítica. A exposição constrói-se na horizontal e na vertical criando um movimento que sugere tensões na superfície do chão do Laboratório com a intencionalidade de fazer uma abstração geométrica, previlégiando a grelha como definição de surpeficie e a proocura de uma ordem racional e matemática, mas não substitui a composição, o experienciar com um olhar contemporâneo. A exposição possibilita a mediação entre o céu e a terra, entre o tecto e o chão e o modo de os ligar efemeramente.

Gustavo Mendez-Liska pretende que os seus trabalhos tenham relação com o espaço, que o espectador possa circular à sua volta e que a perspectiva da peça vá variando conforme a sua localização, como algo dinâmico que vai sendo sugerido à medida que o movimento se organiza. O espaço não existe como algo pré-concebido e pré-organizado, mas é fruto da relação dinâmica com o lugar. A dimensão é algo muito importante na obra deste artista, as obras não ficam contidas ao espaço do museu, há uma nítida dilatação do espaço e do tempo.

A cidade e a sua arquitectura são um referencial na criação do trabalho do artista. Na exposição, Gustavo Mendez-Liska tem uma noção clara que há uma variedade de pontos e também como o espaço se vai organizar na relação formal ou espacial, é uma acção contínua e orgânica. “Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procura-la. Pode ser que enquanto falamos ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins do seu império; é possível encontrá-la, mas da maneira que eu disse.” (Ítalo Calvino in: *As cidades Invisíveis*). Quando entramos no espaço da exposição deixamos de estar na sala para sermos levados para a cidade, a nossa cidade imaginária.

Sofia Marçal